

Natureza da Realidade

Claudio C. Conti

<http://ccconti.vilabol.com.br> - Rio de Janeiro

Foi apresentada anteriormente¹ a idéia de que a psique seria formada por vários núcleos consciente-inconsciente além, é claro, do campo morfológico base. Cada núcleo corresponderia a uma das existências, ou encarnações, com seus respectivos conteúdos e, também, vivenciando cada existência na sua época de ocorrência. Cada um teria não apenas o seu tempo pessoal, mas diferentes tempos para cada núcleo consciente-inconsciente.

Nesta abordagem, as diferentes encarnações não ocorreriam uma após a outra, mas simultaneamente, persistindo sua existência devido à recorrência da condição mental ou psíquica decorrente dos traumas ocorridos durante a encarnação em questão.

Em outro texto² foi analisada a questão do processo evolutivo do espírito com relação a sua estrutura mental. Embora a mente de um espírito seja uma única somente, isto é, uma mente para cada espírito, nada impede, a princípio, que sua estrutura seja compartimentada e que os diferentes compartimentos interajam entre si. Portanto, a expressão “mente una” se refere ao estado em que não existam divisões, formando um todo como uma única peça ou região. Este processo de individuação ocorreria paulatinamente com a elevação espiritual de cada um.

Quando se diz que as encarnações acontecem simultaneamente, ou intermitentemente, pode criar uma dificuldade de entendimento, pois, naturalmente, surge o questionamento de como isto seria possível se o que consideramos como a realidade é uma só. Diante desta consideração, é imprescindível para o entendimento mais amplo da estrutura proposta para a psique uma discussão mais abrangente do que seria a realidade vivenciada pelo espírito como na condição de encarnado.

Quando o assunto versa sobre realidade, todos consideram que sabem o que se quer dizer. Porém, analisando o seu significado mais profundamente, percebe-se que não é tão simples como parece.

Um bom exemplo disto são as ilusões de ótica. Muitas vezes, diante de uma figura elaborada adequadamente, tem-se a impressão de ver coisas as quais acredita-se que não estão lá, por isso é chamado de “ilusão”.

Contudo, como definir o que é “ilusão” e o que não é? Quantas vezes o indivíduo se depara com imagens na vida “real” que pode causar efeito semelhante às chamadas ilusões de ótica sem se dar conta do fato?

Há uma tendência natural de considerar como sendo real tudo aquilo que está fora do indivíduo e que existe independentemente deste. Contudo, o objeto ou figura que produz a ilusão de ótica está localizado espacialmente também no exterior, portanto deveria, segundo a idéia convencional, ser também realidade.

Segundo o dicionário³, a palavra “realidade” significa: 1. qualidade de real e 2. aquilo que existe efetivamente. A primeira definição não define muita coisa enquanto que a segunda diz que realidade é aquilo que existe independente de tudo e qualquer coisa, o que estaria em acordo com o que foi dito anteriormente sobre a idéia reinante. Portanto, não esclarece muito.

Tomando novamente o exemplo das ilusões de ótica, percebe-se que o que é visto dependerá sempre daquele que observa e de sua posição relativa. Existirá uma forma de se determinar o que efetivamente existe ou seria mais adequado considerar que a realidade está fora do alcance da percepção pessoal?

Buscando auxílio na Codificação, mais precisamente no O Livro dos Espíritos⁴, questões 30 à 33, verifica-se que a base de tudo é o fluido cósmico, o elemento primordial do qual tudo se origina. No livro A Gênese⁵, cap. XIV, item 14, consta que “os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade” e que “algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza”.

Verifica-se, então, que a ação de pensamento sobre o fluido é muito intensa e que o simples fato de pensar já é suficiente para que ocorra uma transformação no fluido circundante, que poderá ser próximo ou distante, boa ou maléfica, de longa ou curta duração. É importante salientar, como consta no livro A Gênese⁵, que o processo mental não necessita ser fruto de uma intenção consciente para que este exerça qualquer ação sobre o fluido.

Se tudo é formado pela matéria elementar, isto é, o fluido cósmico, e que os espíritos manipulam esta matéria base utilizando o pensamento, conclui-se que paredes, mesas, cadeiras, etc. são formados por fluido cósmico e que foram elaborados, ou adensados, pela ação mental de espíritos. Portanto, os processos mentais afetam a matéria ao redor. Desta forma, a realidade material deixa de existir independentemente de qualquer coisa e passa a estar atrelada ao que o indivíduo pensa, pensou ou como ele pensa.

Na questão 31 de O Livro dos Espíritos⁴, consta:

*31. Donde se originam as diversas propriedades da matéria?
“São modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito da sua união, em certas circunstâncias.”*

Portanto, tudo que se observa é decorrente das modificações das moléculas elementares. Esta idéia é corroborada na questão 33, onde diz:

*32. A mesma matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?
“Sim e é isso o que se deve entender quando dizemos que tudo está em tudo!”*

Conclui-se, então, que pisos, paredes, cadeiras, mesas, etc. são formados pelo mesmo elemento básico. Os corpos físicos que são utilizados durante a encarnação dos espíritos na Terra também são formados deste mesmo elemento básico, assim como seus perispíritos. Portanto, no final, tudo é formado por este elemento que os espíritos responsáveis pela Codificação denominaram de “fluido cósmico”.

No livro A Gênese⁵ está claro que os espíritos manipulam o fluido através do pensamento. Neste sentido, percebe-se, então, que o pensamento tem uma função fundamental em todos os processos da matéria.

A questão 39 diz que:

*39. Poderemos conhecer o modo de formação dos mundos?
“Tudo o que a esse respeito se pode dizer e podeis compreender é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no Espaço.”*

Considerando que: a) os mundos são formados pela aglomeração da matéria no espaço; b) matéria disseminada no espaço é o fluido e; c) o fluido é manipulada pelo pensamento; logo, conclui-se que os mundos são formados pelo pensamento de espíritos. Esta idéia é apresentada por André Luiz (espírito) no livro *Evolução em Dois Mundos*⁶, onde fica claro que é necessário um alto nível evolutivo dos espíritos responsáveis por este tipo de tarefa, enquanto que os espíritos menos evoluídos se utilizam o mesmo princípio para elaborar o perispírito e corpo físico.

Partindo deste princípio, como ficaria a questão da realidade se a construção do comumente denominado mundo material está atrelada à elaboração mental de espíritos?

Percebe-se que o que é normalmente denominado de realidade e que é considerado como sendo independente de tudo e de todos passa a ter uma relação direta com a humanidade que vive naquela “realidade”, nos seus variados níveis evolutivos.

Esta relação pode muito bem ser exemplificada com uma pequena porção de açúcar. Se um químico for analisar o açúcar buscando encontrar o que ou qual porção daquela molécula que é o sabor doce, com certeza, ele não vai encontrar. O sabor doce ou amargo não está na molécula em si, mas na resposta do organismo físico ao estímulo recebido que, neste caso específico, é a porção de açúcar.

Similarmente, caso um físico tente encontrar na onda eletromagnética característica da cor amarela, o que ou qual porção daquela onda é o amarelo, com certeza, ele não vai encontrar. A cor amarela não está na onda em si, mas na resposta do organismo físico ao estímulo recebido que, neste caso específico, é a onda com um certo comprimento de onda.

Ainda é possível comparar o que foi dito anteriormente com a idéia de um fisiologista buscar, no corpo físico, o que lhe dá a vida ou o que faz o cérebro pensar ou ter idéias. Simplesmente não é no corpo que estas “propriedades” residem.

Os sentidos possuem um papel crucial na relação do espírito com aquilo que se encontra fora dele. O ser humano reage a estímulos, porém nestes estímulos não existe nenhuma evidência do que a resposta dada diz ser.

Carl G. Jung, conhecido como o Pai da Psicologia Analítica diz que: “Parece que o consciente flui em torrentes para dentro de nós, vindo de fora sob a forma de percepções sensoriais. Nós vemos, ouvimos, apalpamos e cheiramos o mundo, e assim temos consciência do mundo. Estas percepções sensoriais nos dizem que algo existe fora de nós. Mas elas não nos dizem o que isto seja em si. Isto é tarefa, não do processo de percepção, mas do processo de apercepção”⁷.

Então, o caminho da informação de fora para dentro, isto é, os fenômenos que ocorrem na vida cotidiana para se tornar informação na região da psique, se dá através dos sentidos.

Como já dito anteriormente, os sentidos são importantes para o ser humano, porém, a compreensão deste processo possibilitará uma melhor compreensão da realidade como espíritos e não mais se manter preso na Terra, facilitando a percepção de uma realidade muito além daquela em que se acredita.

Ainda sobre o fragmento de texto acima, Jung afirma que as percepções sensoriais apenas informam que algo existe, contudo, não informam o que é este algo. O ser humano não define o que as coisas são através dos seus sentidos, mas através do processo de apercepção, que é a “faculdade ou ato de apreender imediatamente pela consciência uma idéia, um juízo”³.

São dois processos seqüências que definem as coisas e ocorrências no mundo.

Jung⁸ diz ainda que “Nosso conceito prático de realidade parece, portanto que precisa de revisão” e que “a consequência disto é que aquilo que nos parece como uma

realidade imediata consiste em imagens cuidadosamente elaboradas e que, por conseguinte, nós só vivemos diretamente em um mundo de imagens”.

Semelhante idéia é apresentada por um dos cientistas responsáveis pelo desenvolvimento da Física Quântica, Erwin Schrödinger, ao dizer que “Não há processo nervoso cuja descrição objetiva inclua a característica ‘cor amarela’ ou ‘sabor doce’, da mesma forma que não há descrição objetiva de uma onda eletromagnética que inclua qualquer dessas características”⁹. Diz ainda que “A visão científica assim formada dos processos naturais carece de todas as qualidades sensoriais e portanto não pode dar conta das mesmas”¹⁰.

Em suma, tudo aquilo que é analisado e avaliado decorre daquele que analisa e avalia, isto é, as coisas ou eventos e os espíritos estão tão fortemente atrelados que não é possível dissociar uma coisa da outra. Portanto aquilo que é considerado como real dependerá de cada um. Mesmo que fosse verdade o fato da realidade existir independentemente de qualquer coisa somente poderia ser conhecida através dos processos sensoriais que são inerentes ao indivíduo.

Como fica, então, a realidade?

Em qualquer avaliação sobre o que seja real ou não é preciso considerar a forma como são processados os estímulos que chegam ao espírito através da sua relação com a matéria. Considerando que todos os fenômenos são analisados e estudados através da mente e, por isso, estão atrelados a ela, a observação forma uma realidade psíquica. Pode-se, então, dizer que não existe realidade material como é conhecida neste mundo sem a existência dos espíritos.

Bibliografia

- [1] Claudio C. Conti; A Consciência (versão completa), <http://ccconti.vilabol.com.br>
- [2] Claudio C. Conti; *Mente Una*, <http://ccconti.vilabol.com.br>
- [3] Dicionário Aurélio
- [4] Allan Kardec; “O Livro dos Espíritos”; 76^a edição, FEB, 1995.
- [5] Allan Kardec; “A Gênese”; 36^a edição, FEB, 1995.
- [6] André Luiz; “Evolução em Dois Mundos” (Psicografia de F. C. Xavier.); 15^a edição, FEB, 1997, cap. 1.
- [7] C. G. Jung; “A Natureza da Psique”, Editora Vozes, 5^a edição, 2000, pg 78.
- [8] Idem, pg 332.
- [9] Erwin Schrödinger; “O Que é a Vida – Mente e Matéria”; 1^a edição, Editora Unesp, 1997, pg. 166
- [10] Idem, pg. 174.